

A LEITURA DA CHARGE, A ANÁLISE DE DISCURSO E O ENSINO: REFLEXÕES SOBRE OS RESULTADOS DE UMA PROPOSTA DE TRABALHO

Maria Regina Dadalto Gimenez¹

Resumo: Este trabalho relata o resultado da aplicação da teoria da análise de discurso de orientação francesa em atividades de leitura e interpretação de texto, tendo como objetivo principal o desenvolvimento da leitura que supere a mera decodificação ou reprodução. O corpus selecionado para análise e questionamentos é a charge “Honesty on the Internet”. Os resultados apresentados objetivam propiciar reflexões sobre a incorporação da teoria da análise de discurso ao ensino.

Palavras-chave: Discurso. Leitura. Interpretação. Charge.

Abstract: This work reports the result of the application of the discourse analysis theory of French orientation in reading and comprehension activities. It aims the reading development that exceeds the mere decodification or reproduction. The selected corpus for analysis and questioning is the “Honesty on the Internet” cartoon. The presented results aim to provide some reflections about the incorporation of the discourse analysis theory to the teaching practice.

Key-words: Discourse. Reading. Comprehension. Cartoon.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo apresentar uma reflexão em torno de uma proposta de atividade no formato FOLHAS direcionado ao Ensino Fundamental sobre leitura e interpretação, no caso, de charges e cartuns, desenvolvida durante a participação no Programa de Desenvolvimento da Educação (PDE) promovido pela Secretaria de Educação do Estado do Paraná no período de 2006 a 2008. Sua fundamentação teórica é a Análise de Discurso de orientação francesa.

O trabalho foi desenvolvido partindo-se da concepção de que o texto não deve ser trabalhado atendo-se apenas aos seus aspectos formais, mas enquanto discurso que cumpre um papel dentro de um contexto sócio-histórico cultural e, portanto, marcado

¹ Professora pertencente ao quadro do magistério da Rede Pública de Ensino do Estado do Paraná, Núcleo de Goioerê e professora participante do PDE (Programa de Desenvolvimento Educacional) turma 2007/2008. Atua há vinte anos no Ensino Fundamental e Médio. Atualmente leciona no Colégio Estadual Carlos Gomes do município de Ubitatã para alunos das séries finais do Ensino Fundamental.

ideologicamente. Deve-se considerar que é pensado e elaborado por um sujeito em condições de produção específicas, que se dirige a outros sujeitos, que podem ou não se encontrar inseridos no mesmo espaço e tempo enunciativos. A partir dessas relações, em que sujeito e discurso encontram-se afetados por questões cuja compreensão superam o material lingüístico, é que se objetivou levar o aluno a questionar: a quem se dirige aquele que enuncia e com que intencionalidades, como, por meio do lingüístico, tais intencionalidades se representam, como os recursos verbais e não-verbais constroem sentidos, que efeitos de sentido tais escolhas provocam, entre outras questões.

Provocada pelo questionamento “como esse texto significa”, a Análise de Discurso se faz importante como sustentáculo teórico em que baseia esse trabalho, pois segundo a teoria “a compreensão supõe uma relação com a cultura, com a história, com o social e com a linguagem, que é atravessada pela reflexão e pela crítica” (ORLANDI, 1993, p.116).

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os estudos referentes à Análise de Discurso da escola francesa remontam aos anos de 1960, com o lançamento do livro *Semântica e Discurso*, de Michel Pêcheux, tese de doutoramento do autor.

A Análise de Discurso se opõe à teoria da comunicação, por exemplo, ainda muito presente no ensino de língua portuguesa, que diz ser o discurso uma mensagem onde há emissor, receptor, código, referente; tal concepção coloca a linguagem com a exclusiva função de transmissão de informações. No entanto, para a Análise de Discurso a linguagem é

A mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive (ORLANDI, 2001, p.15).

A teoria, segundo Pêcheux (1993), nasceu do entremeio de três disciplinas: o materialismo histórico, para explicar os fenômenos das formações sociais e a ideologia, a Lingüística, para explicar os processos de enunciação e a Psicanálise (Teoria do Sujeito), para explicar a subjetividade e a relação do sujeito com o simbólico; trabalhando na confluência desses três campos, segundo Orlandi (2001), a Análise de Discurso constitui o discurso seu objeto de estudo.

Partindo da concepção de linguagem como mediação necessária entre o homem e sua realidade, a Análise de Discurso concebe o discurso como o mediador e busca verificar as condições que permitiram o seu aparecimento. Não é o questionamento “o que o texto quer dizer” (maneira tradicional de abordagem de texto), mas “como o texto significa” e “por que tomou esse sentido e não outro” que interessam, pois

A Análise de Discurso não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentido enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos, seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade (ORLANDI, 2005, p.15-16).

A produção do discurso acontece por meio da linguagem, onde se dá a materialização da ideologia. É, também, por meio da linguagem que os sujeitos se constituem e interagem. Baccega (1995, p.11) ratifica esta forma de compreender as relações do sujeito e a linguagem:

Essa interação vai se dar através da linguagem, sobretudo a verbal; através do aparelho conceptual que ele recebe pelo processo social da educação; através do sistema de valores no qual ele se banha e que é fortemente marcado pela classe social e/ou pelo nível sócio-econômico a que pertence.

E o discurso, segundo a teoria de Michel Pêcheux, é uma prática, uma ação do sujeito sobre o mundo e vice-versa, não é apenas uma mensagem, uma informação, mas relação entre sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, cujos efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: “o discurso é efeito de sentidos entre locutores e a língua constitui o lugar material onde se realizam estes efeitos de sentidos” (PÊCHEUX, 1993, p.172). A língua é, portanto,

Um todo dinâmico que abarca o movimento da sociedade: por isso é lugar de conflitos. Esses conflitos se concretizam nos discursos. Neles, as relações lingüísticas trazem inscritas as diferenças de interesses, as propostas de direções diversas para o mesmo processo histórico (BACCEGA, 1995, p.46).

Na produção do discurso, é importante observar alguns fatores que o constituem e que fazem parte da exterioridade lingüística, que podem ser agrupadas em condições de produção em sentido restrito, que são as circunstâncias de enunciação, o contexto imediato e em sentido amplo, que é o contexto sócio-histórico-ideológico (ORLANDI, 2001).

Segundo a relação de sentidos, todo discurso nasce em outro e se relaciona com outros, ou seja, tudo o que se diz, tem relação com o que já foi dito. Porém, o sujeito pode se colocar no lugar de seu interlocutor (antecipação) para regular sua argumentação e escolher seu discurso de acordo com o efeito que deseja produzir.

Quando o sujeito assume (e projeta) posições diferentes no discurso, temos os jogos de imagens chamadas “formações imaginárias”. Este conceito, embora remonte a 1ª fase da Análise de Discurso (AAD-69), não deixa de ter sua relevância para as reflexões que se pretende e se inter-relacionam às condições de produção de qualquer discurso. Como preconiza Pêcheux (1993, p.83-84), as formações imaginárias funcionam a partir do seguinte esquema: “Quem sou eu para lhe falar assim? Quem é ele para que eu lhe fale assim? Quem sou eu para que ele me fale assim? Quem é ele para que me fale assim? De que lhe falo assim? De que ele me fala assim?”.

Outro fator importante na produção do discurso são as relações de forças que dizem respeito ao “lugar a partir do qual fala o sujeito e é constitutivo do que ele diz” (ORLANDI, 2001, p.39). Isso quer dizer, ainda segundo Orlandi (2001), que as palavras podem significar diferente dependendo do lugar que o sujeito ocupa, já que as relações hierarquizadas é que constituem a nossa sociedade. Podemos citar como exemplo a força das palavras do pai junto ao filho, uma vez que aquele tem autoridade junto a este (eis nessa interação uma questão cultural a ser refletida).

Ainda, constituem as condições de produção do discurso a dupla ilusão do sujeito, ou o esquecimento 1 e esquecimento 2, que o faz pensar que controla o próprio discurso. Orlandi (2001) diz que o esquecimento número 2 é da ordem da enunciação, produz a impressão da realidade da produção por causa das famílias parafrásticas (diferentes formulações do mesmo dizer) que se formam ao escolhermos entre uma forma de falar ou outra. Essas famílias parafrásticas indicam que há várias maneiras de dizer. Tal esquecimento não é total, o que faz com que sempre recorramos a ele para especificar melhor o que dizemos. O esquecimento número 1, também chamado esquecimento ideológico, nos dá “a ilusão de que somos donos do que dizemos, quando na verdade, retomamos sentidos já existentes” (ORLANDI, 2001, p.35).

Como estamos tratando das relações de sentidos na produção do discurso, não podemos ignorar o interdiscurso, que é todo conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. “É preciso que o que foi dito por um sujeito específico em um momento particular se apague na memória para que, passando para o ‘anonimato’, possa fazer sentido em minhas palavras” (ORLANDI, 2001, p.34-35). A memória, chamada de

interdiscurso, quando relacionada ao discurso é o “saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma de pré-construído, o já dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra” (ORLANDI, 2001, p.31).

De acordo com a Análise de Discurso, o que determina o que pode e deve ser dito a partir da posição que o sujeito ocupa na sociedade é a formação discursiva que “existe historicamente no interior de determinadas relações de classe” (PÊCHEUX, 1993, p.167). As palavras, expressões, etc. recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas. Ela não é imóvel nem fechada, pelo contrário, temos várias formações discursivas que se relacionam entre si e com outras. Como exemplo, podemos citar o discurso político, o religioso, o jurídico, entre outros que não são uníssonos, mas nos quais pode-se perceber, por exemplo, no caso da medicina, também o da administração do hospital.

No discurso, essas formações discursivas, que pertencem a campos discursivos, nos possibilitam fazer recortes, por exemplo, dentro do discurso político podemos fazer a opção pelo discurso de direita ou de esquerda. Essas formações discursivas em conflito estão relacionadas às formações ideológicas. Sobre as ideologias é pertinente trazer as discussões de Althusser (1985), autor importante para a construção da Análise de Discurso. Para facilitar a compreensão do que sejam as ideologias, é necessário, antes de tudo, fazer a distinção entre Aparelho Repressivo de Estado (ARE ou AE) e Aparelho Ideológico de Estado (AIE). Segundo Althusser, os AEs compreendem o governo, a administração, a polícia, os tribunais, etc, que agem por meio da ideologia e principalmente por meio da repressão e da violência, ao passo que os AIEs (a religião, a escola, a família, as instâncias políticas, entre outros), funcionam com o predomínio da ideologia, embora também usem a violência e a repressão, mas de uma forma mais simbólica, uma vez que, para Althusser, nenhum aparelho funciona exclusivamente por meio da ideologia. Dessa forma, a escola, as igrejas, os sindicatos, a família, entre outros, ‘moldam’ seus membros e funcionários por meio de métodos próprios de sanções, exclusões, penalidades, etc.

É nos Aparelhos Ideológicos de Estado que a classe dominante que detém o poder do Estado desenvolve sua ideologia, assegurada pelo Aparelho Repressor de Estado, valendo-se até mesmo através da repressão e da violência (se preciso for). E é também por meio e nos Aparelhos Ideológicos que se desenvolvem as lutas de classe ao longo de toda história, como podemos observar desde o período histórico pré-capitalista, onde a Igreja era o AIE dominante (talvez ainda o seja), que reunia além de suas funções próprias, também as escolares, entre outras. Com a Revolução Francesa, houve uma violenta luta de classes cujo objetivo era a transferência do poder do estado da aristocracia feudal para a burguesia

capitalista-comercial. A partir daí foram criados novos AIEs para substituir a Igreja e acabar com seu papel dominante, papel esse assumido pela escola que ficou estabelecida pela burguesia como o Aparelho Ideológico nº 1, cuja finalidade seria as relações de exploração capitalistas, assim como os demais aparelhos (Althusser, 1985).

A escola foi escolhida para substituir a Igreja no papel de aparelho dominante por ser capaz de reproduzir a ideologia da classe dominante de forma muito sutil e eficaz, uma vez que tinha acesso a quase todas as crianças a partir de 5 ou 6 anos de idade de todas as classes, que, por serem vulneráveis, recebiam todos os saberes que interessavam à classe detentora do poder e que estivessem, portanto, contidos na sua ideologia através das Ciências, Literatura, Cálculo, Francês, Filosofia, História Natural, etc. (Althusser, 1985). A partir dos 16 anos, as crianças (já jovens) separavam-se e formavam os diversos grupos que iriam ingressar no mercado de trabalho: alguns se tornavam operários, outros seguiam os estudos, tornando-se empregados, pequenos e médios burgueses e um último grupo tornava-se os agentes da exploração (gerentes capitalistas), da repressão (militares, policiais, políticos) e profissionais da ideologia, como os padres.

Cada grupo dispõe da ideologia que convém ao papel que ele deve preencher na sociedade de classe: papel de explorado (a consciência ‘profissional’, ‘moral’, ‘cívica’, ‘nacional’ e apolítica totalmente ‘desenvolvida’); papel de agente da exploração (saber comandar e dirigir-se aos operários: as ‘relações humanas’), de agentes de repressão (saber comandar, fazer obedecer ‘sem discussão’, ou saber manipular a demagogia da retórica dos dirigentes políticos), ou de profissionais da ideologia (saber tratar as consciências com o respeito, ou seja, o desprezo, a chantagem, a demagogia que convém, com as ênfases na Moral, na Virtude, na ‘Transcendência’, na Nação, no papel da França no Mundo, etc.) (ALTHUSSER, 1985, p.79).

Como se pôde observar é, conforme afirma Althusser, através da escola que a classe dominante passa a difundir sua ideologia nas crianças, pois a escola é vista como neutra e essa neutralidade é universalmente aceita. Dessa forma, ninguém questiona as formações nem os valores que são passados às crianças pelo professor que, muitas vezes, não tem consciência de que também é manipulado, e, portanto, sem se dar conta de que está reproduzindo um modelo de dominação. É contra estas práticas de dominação, que se instauram por meio de leituras ditas como “únicas e verdadeiras”, que o presente trabalho se coloca. Daí que este estudo vem colaborar para reflexões sobre a prática da leitura sob um viés teórico que propicia um olhar crítico ao material simbólico e não a sua mera leitura-reprodução.

Feitas essas considerações sobre os AIEs e as lutas de classes, e, levando-se em conta que cada Aparelho Ideológico funciona com a prática de uma ideologia (religiosa, escolar,

moral, política, jurídica, etc.) subordinada a uma classe dominante, é importante definir então o que é ideologia, uma vez que, de acordo com a teoria da Análise de Discurso, ela faz parte das condições de produção do discurso, como anteriormente foi exposto.

Inicialmente, o objeto da ideologia era a teoria (genérica) das idéias e, após 50 anos, Marx confere à ideologia uma nova definição que seria “um sistema de idéias, de representações que domina o espírito de um homem ou grupo social” (MARX apud ALTHUSSER, 1985, p.81). Ou seja, seria uma ilusão, uma imaginação que não passaria das idéias. Althusser procurou definir ideologia diferentemente de Marx, como tendo existência material e não como um pensamento do indivíduo somente; ideologia, assim, é “uma ‘representação’ da relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência” (ALTHUSSER, 1985, p. 85). É imaginária porque são as relações sociais que representam as relações materiais entre os homens. A existência das idéias e crenças de um sujeito de acordo com a sua concepção de ideologia é material, uma vez que “suas idéias são seus atos materiais inseridos em políticas materiais reguladas por rituais materiais, eles mesmos definidos pelo aparelho ideológico material de onde provêm as idéias do dito sujeito” (ALTHUSSER, 1985, p. 92).

Podemos exemplificar observando a materialidade de um ritual de quem crê em Deus: a missa, o sinal da cruz, a penitência, etc., são práticas reguladas pelas idéias do aparelho ideológico religioso que o indivíduo escolheu enquanto sujeito. Essa colocação de Althusser sobre ideologia como prática social também é defendida por Baccega (1995, p.34):

A ideologia só existe na prática social. Ela se constitui num sistema de valores, pleno de representações, de imagens – modo de ver o mundo, modo de ver a sociedade, modo que o homem se vê a si e aos outros. Enfeixa os pontos de vista dos homens que vivem num determinado grupo, classe social ou nação. Tem o poder de “condicionar as atitudes dos homens” e levá-los a praticar (ou considerar que praticam) ações que eles consideram as mais adequadas para não se desviar desse sistema de valores.

A partir da conclusão de Althusser de que “só há prática através de e sob uma ideologia e que só há ideologia pelo sujeito e para o sujeito”, defende-se a tese acolhida e compartilhada pela AD, isto é, de que a ideologia interpela os indivíduos enquanto sujeitos (sujeito aqui seria o indivíduo concreto que existe na sociedade e é reconhecido por ela) e estes se inserem nas práticas de vários Aparelhos Ideológicos de Estado.

O indivíduo é interpelado como sujeito (livre) para que se submeta livremente às ordens do sujeito, portanto, para que ele aceite (livremente)

sua submissão e, portanto, para que se realize por si mesmo os gestos e atos de sua submissão. Os sujeitos se constituem pela sua sujeição (ALTHUSSER, 1985, p.104).

Voese (2004) define ideologia como as idéias que trazem a visão de mundo de determinado grupo a que o indivíduo pertence, o papel que cada um ocupa (religião, sexo, cultura, classe, etc). Essas idéias influem na escolha do discurso e na hierarquização desse discurso, de acordo com a conveniência de seus interesses (relação de dominação e poder).

Partindo da proposição de que o indivíduo pode pertencer a numerosos grupos com finalidades, interesses e atividades que podem ser mais ou menos importantes concebe-se o discurso como dialógico porque:

Nossos enunciados estão repletos de palavras dos outros, caracterizadas em graus variáveis, pela alteridade ou pela assimilação, caracterizada, também em graus variáveis, por um emprego consciente e decalcado. As palavras dos outros introduzem sua própria expressividade, seu tom valorativo, que assimilamos, reestruturamos, modificamos (BAKHTIN, apud VOESE, 2004, p.46-47).

Dialogia ou heterogeneidade é, portanto, a presença do outro na minha fala, é a incorporação e a assimilação do discurso do outro. Para Orlandi (2001) essa heterogeneidade decorrente da interação social do sujeito em diferentes segmentos da sociedade constitui o sujeito discursivo interpelado pelas formações discursivas que representam as formações ideológicas que lhes correspondem.

O sujeito discursivo citado por Orlandi (2001) é fundamental para a Análise de Discurso, pois implica numa certa compreensão de discurso e de língua. Considerando que a Análise de Discurso teve três fases, é importante fazer uma abordagem das mesmas para se compreender as diferentes noções de sujeito decorrentes de cada uma delas.

Segundo Mussalim (2001), na primeira fase, chamada Análise Automática de Discurso (AAD-69), cada processo discursivo é produzido por uma máquina discursiva, portanto, o sujeito não é a origem do que diz. Seu discurso é submetido às regras da instituição ou da ideologia. Na segunda fase, o processo discursivo não é mais concebido como produto gerado por uma maquinaria, oriundo de uma única fonte, portanto, uniforme. O sujeito, uma vez que uma formação discursiva é dispersão de sentidos, “passa a ser concebido como aquele que desempenha diferentes papéis de acordo com as várias posições que ocupa no espaço interdiscursivo” (MUSSALIM, 2001, p.133). Novamente, temos o sujeito não-livre, pois é a formação ideológica que regula o que ele pode ou não dizer (sujeito

assujeitado). Dessa forma, a linguagem tem maior ou menor valor se estiver de acordo com os interesses sociais, opinião compartilhada por Baccega (1995, p.41) ao preconizar que

As falas emitem, na verdade, predominantemente, discursos de máscaras impostos pela sociedade. São as máscaras ditadas pela ideologia. Ao falar, o indivíduo leva em consideração o que se pode ou não se pode dizer. Esse poder é ditado pelas conveniências: há que resguardar a reputação: há que agradar os outros, desempenhando seu papel social de acordo com os comportamentos que a sociedade espera dele. Ele não deve transgredir; é conveniente não criticar.

A Análise de Discurso terceira fase, por sua vez, concebe o discurso como heterogêneo, polifônico, atravessado por outros discursos, portanto o sujeito também é heterogêneo, clivado, dividido entre o consciente e o inconsciente. O sujeito é definido, ainda conforme Mussalim (2001, p.134) como “sendo a relação entre o ‘eu’ e o ‘outro’”, também chamado sujeito psicanalítico, assujeitado ao discurso do outro.

Além dessas três concepções de sujeito citadas, considerando que discurso, cultura e sociedade são a essência do sujeito, podemos acrescentar uma quarta: o sujeito constitutivo, aquele que se submetendo às regras e valores, considera, no momento que fala, a situação e os efeitos que espera produzir para escolher os recursos mais adequados a seu propósito. É o sujeito-autor, posicionado sócio-historicamente e atravessado pelos efeitos da cultura (POSSENTI, 1993).

Tal concepção é também defendida por Baccega (1995) que afirma que o sujeito já recebe uma cultura pronta, um discurso que carrega os valores que lhe são passados de acordo com a classe sócio-econômica a que ele pertence. Segundo ela,

“Ao nascer, o homem encontra uma história em processo. É como se tomasse um trem numa determinada estação. Este trem, que carrega a cultura, está vindo de muitas e muitas estações, já transportou milhões e milhões de pessoas entre as várias estações” (BACCEGA, 1995, p.30-31).

Porém, o sujeito é capaz de a partir de uma visão crítica da realidade, reelaborar esse discurso, inovar e produzir outros e assim transformar a realidade que foi apreendida. Dessa forma, o sujeito pode ser tanto paciente, ao passo que recebe toda a carga discursiva do grupo social do qual faz parte, quanto agente, pela capacidade que tem de reelaborá-la, ainda que sob processos coercivos. E é essa última concepção de sujeito, como agente e paciente, capaz de reelaborar o discurso recebido, que norteia esse trabalho com textos.

Finalizando as considerações feitas sobre o sujeito, mais especificamente sobre essa última concepção, é importante ressaltar que a autoria é uma função discursiva do sujeito, assim como o locutor e o enunciador são funções enunciativas. Ducrot define o locutor como “aquele que se apresenta como ‘eu’ no discurso e o enunciador é a perspectiva que esse ‘eu’ constrói” (DUCROT apud ORLANDI 2001, p.74). Analisando dessa forma, a função discursiva autor é a função de produtor de texto, de linguagem, assumindo a responsabilidade pelo que diz, como diz, etc. e que está inserido numa cultura e posicionado num contexto histórico-social. Conforme Orlandi (2001), do autor é exigido de seu texto coerência, responsabilidade, respeito às normas, clareza, entre outros, para que fiquem claras suas intenções, seus objetivos, sua direção e principalmente para que ele seja controlável, identificável, visível.

Diante da teoria estudada, acredita-se que a Análise de Discurso pode se constituir em uma prática pedagógica para a análise de textos, pois nos dá condições de reconstruir uma ordem de sentidos, organizando-os e levando em conta os processos de interação do contexto sócio-histórico no qual os sujeitos se inserem enquanto enunciadore/locutores.

3 APRESENTAÇÃO DO CORPUS E BREVE ANÁLISE

Para o desenvolvimento do trabalho que consiste, como já foi dito, na aplicação da teoria da Análise de Discurso nas atividades de leitura e interpretação de charges e cartuns, inicialmente foi selecionado da Internet o corpus (para essa análise, especificamente, uma charge) cujo título é “Honesty on the Internet”. A escolha por esta charge deu-se pelo fato de a mesma apresentar um conteúdo de conhecimento compartilhado, além de um tema em função da cenografia que a sustenta. Para não ferir a lei de direitos autorais, optou-se por descrevê-la com o propósito de facilitar a compreensão do trabalho como um todo.

Inicialmente é preciso delimitar o espaço da charge que é dividida em dois ambientes: um quarto feminino e outro masculino, onde duas pessoas relacionam-se através da Internet.

O quarto feminino apresenta características estereotipadas da “idéia” de quarto pertencente ao gênero: a cor predominante é rosa e mostra-se muito limpo e organizado. Chama a atenção o fato de haver poucos elementos decorativos, uma vez que se trata de um quarto feminino: tem-se um quadro pendurado na parede onde é possível ler a palavra em inglês “monstrous” além de um espelho, uma mesa com computador e uma poltrona na qual

uma pessoa está sentada. Essa pessoa, do sexo feminino e aparentando idade avançada, sobretudo para a composição da cena (pode-se dizer que se trata de uma senhora acima dos 50 anos), encontra-se totalmente à vontade em seu quarto, já que este é o local onde as pessoas podem ser elas mesmas, podem se revelar: ela veste apenas roupas íntimas estampadas com corações miúdos e calça pantufas em forma de coelhinhos, detalhes que nos levam a imaginar no lugar da senhora uma menina apresentando características de infantilidade, mas, no caso, tem-se uma senhora numa situação que permite a inferência sobre se tratar de alguém que ainda não amadureceu. Os cabelos estão presos com “bobs”, ele usa um brinco grande, em forma de argola – detalhes que revelam certa vaidade – e fuma um cigarro que está caindo pelo canto da boca. Suas pernas são muito finas contrastando com uma enorme barriga, destacando-se a celulite e flacidez da pele.

O ambiente que representa o quarto masculino contrasta com o feminino pela desorganização e sujeira no qual se encontra. Neste, a parede e o chão estão completamente sujos, há bitucas de charutos, papéis, restos de alimento, latas de bebidas espalhadas por toda parte. Ou seja, também apresenta características estereotipadas de quarto pertencente ao gênero, pois pela visão que nos é passada socialmente ao longo da história, não cabe ao homem realizar trabalhos domésticos, já que esses são considerados exclusivamente de responsabilidade feminina, e, a ele, ainda, é permitido ser desorganizado e relaxado, segundo a nossa cultura, onde o universo masculino se opõe ao feminino. A mobília também reforça o estereótipo de quarto masculino, sem detalhes ou exageros, há apenas uma mesa com computador, um banquinho redondo e um quadro pendurado na parede, com imagens de garrafas de bebida. O sujeito também se encontra totalmente à vontade: trata-se de um homem gordo, completamente careca, vestindo uma cueca de bolinhas e uma camiseta regata toda enrolada acima da barriga, dando a impressão de não lhe servir direito. Na tela de seu computador, podemos ler a mensagem que ele está enviando à sua correspondente: “OK! Você é uma modelo. Eu sou um atleta e adoro surf e esportes radicais”.

Quando se estabelece a associação do título “Honesty on the Internet” com o enunciado que está sendo digitado e a imagem das personagens, é possível perceber a presença de forte carga irônica que vem caracterizar a charge. Tem-se, por meio da ironia, críticas à Internet como meio de comunicação e relacionamento que, na maioria das vezes, é pautado na mentira, numa imagem distorcida da realidade, onde as pessoas podem ser e representar o que elas quiserem. Ressalta-se, também, a crítica ao padrão de beleza imposto pela mídia que privilegia o corpo jovem, perfeito, a modelo e o atleta. Segundo Costa (2002), a sociedade, hoje, consome a beleza, a força, a vitalidade e, portanto, enxerga a velhice com

certo descaso, e carrega um estereótipo negativo a respeito do envelhecimento: daí o impacto que a charge causa. Como consequência das regras ditadas e dos valores impostos pela sociedade, dentre outras idéias, a charge representa as pessoas que se vêem fora dos padrões sociais, acabam se isolando do mundo, passando a viver solitários e reclusos, buscando relacionamentos virtuais para, quem sabe assim, viverem os papéis valorizados socialmente.

3.1 DESENVOLVIMENTO DAS QUESTÕES E JUSTIFICATIVAS TEÓRICAS

Nesta seção, procuramos apresentar as questões dirigidas ao grupo de alunos, buscando justificá-las a partir da teoria.

As atividades foram realizadas com 29 alunos de uma turma de 7ª série do Ensino Fundamental da Rede Pública Estadual, que participaram da atividade respondendo individualmente a 15 perguntas sobre a charge, dentre as 15 foram selecionadas 5 para discussão:

Questão 1. O que leva as pessoas, como as da charge, a desejarem passar uma imagem diferente de si, ou seja, a mentir sobre sua própria aparência?

Essa questão discute o papel das representações sociais, uma vez que revela a insatisfação do homem e da mulher em relação a sua imagem, projetando na Internet o que eles gostariam de ser, influenciados, ousa-se dizer, pela mídia que impõem os padrões atuais de beleza (valorização do corpo perfeito como o magérrimo para a mulher e o atlético para o homem). Essa idealização do corpo e da beleza, usada principalmente para definir, limitar e aceitar pessoas ou grupos na sociedade é responsável pela insatisfação das pessoas com sua própria aparência e com a dos outros, principalmente em relação aos idosos e, conseqüentemente, passa-se a encarar o envelhecimento de forma negativa, como uma forma de exclusão, pois para ser aceito na sociedade, entre outras coisas, é preciso ser “belo” ou “bela” conforme os padrões estabelecidos.

Questão 2. A mulher, apesar de ter envelhecido, não amadureceu. Comprove essa afirmação com elementos da charge.

Um dos objetivos dessa questão é trabalhar sobre o não-dito, pois a leitura, para a Análise de Discurso, não significa, como já mencionado, a mera leitura ou reprodução, mas como o texto adquire efeitos de sentido. Nessa questão, especificamente, o autor não emprega

palavras para dizer, mas revela a imaturidade da mulher por meio de detalhes importantes que ajudam a compor a imagem e os sentidos do texto, como a roupa íntima com estampa de coraçõezinhos, pantufas em forma de coelhinho, quarto rosa e, por meio desses elementos, principalmente, a relutância da senhora em aceitar sua verdadeira imagem, fazendo-se passar por uma pessoa muito mais jovem. Esse comportamento se manifesta porque nossa sociedade é “expert” em anunciar que o “velho” não presta, por exemplo.

Questão 3. Ela está de costas para o espelho. Você acha que isso é apenas um detalhe ou assume um significado importante na compreensão da charge? Comente:

Por meio dessa questão, também importante para a construção dos sentidos do texto, deseja-se que o aluno reconheça o espelho, não como um simples detalhe, mas como um elemento de fato importante para a construção dos sentidos do texto, uma vez que o espelho “reflete” nossa imagem real. O comportamento da mulher, de costas para ele, vem reforçar a idéia de que ela está se sentindo inferior, com medo de enxergar seus defeitos e se aceitar como realmente é, ou seja, uma senhora idosa que apresenta uma imagem totalmente diferente da imagem construída conforme valores e padrões ditados pela sociedade: condição para se ser aceita. Esse comportamento revela, ainda, que ela apresenta uma certa imaturidade, apesar de ter envelhecido, e uma grande susceptibilidade às crenças e imposições sociais.

Questão 4. É possível perceber nesse texto críticas aos padrões de beleza feminino (corpo magérrimo, de modelo) e masculino (corpo atlético) impostos pela sociedade e pela mídia, mas também tem-se as críticas à Internet como um meio de comunicação não confiável. Você concorda com essas críticas? Justifique sua resposta.

O autor, mesmo cerceado pela cultura sócio-ideológica de seu tempo, apresenta críticas aos relacionamentos virtuais, muito comuns por meio da Internet, que tem como um dos objetivos a fuga da solidão. Mesmo havendo relatos de casos de casais que se relacionaram pela Internet e se casaram, sabe-se que há outros tantos, no mesmo estilo, pautados na mentira, pois virtualmente as pessoas podem ser e representar o que elas quiserem ou gostariam de ser, comportamento gerado, muitas vezes, pela insatisfação do homem e da mulher em relação à sua imagem (pessoal, profissional).

Questão 5. Você já deve ter ouvido falar que o homem é relaxado, desorganizado e não se preocupa tanto com a aparência e com a ordem quanto a mulher. Na charge percebe-se isso. Você acha que realmente existem essas diferenças? Comente.

Essa representação social é, na verdade, mais um exemplo de estereótipo, ou seja, é o senso comum impondo o que e como o homem e a mulher devem fazer e ser. Cada um de nós desempenha um papel importante na perpetuação dos estereótipos, principalmente a mulher, que é a maior responsável pela educação. Os meninos, por exemplo, herdaram como características a preferência pela cor azul, o cabelo curto, o carrinho, a agressividade, a rebeldia, a irritação, a falta de paciência. Já às meninas, cabe a cor rosa, o cabelo comprido, a boneca, a meiguice, a calma, a fragilidade, a passividade, a doçura, a ordem, a organização e, principalmente, a realização de trabalhos domésticos.

A escola impõe também um comportamento às crianças que reflete e contribui para a reprodução de diferenças herdadas culturalmente, ao atribuir à menina o modelo de bom aluno, por esta apresentar características próprias como obediência, organização, cuidados com o material e maior aceitação das atividades propostas, por exemplo.

4 CONSIDERAÇÕES SOBRE OS RESULTADOS OBTIDOS

Nesta seção, reproduzem-se algumas respostas obtidas pelos alunos. O objetivo é verificá-las e analisá-las a fim de demonstrar os resultados das discussões que foram realizadas anteriormente a essa atividade. O trabalho realizado anteriormente, com atividades e discussões de outras duas charges, foi determinante para que os alunos chegassem a essas respostas - algumas demonstrando mais competência e maturidade na leitura, outras menos - mas, principalmente, tem-se nelas a averiguação do desenvolvimento do aluno.

Resultados da questão 1: O que leva as pessoas, como as do texto, a passarem uma imagem totalmente distorcida de si, a mentir sobre sua própria aparência?

Os alunos não atribuíram o comportamento das pessoas que agem dessa forma diretamente à mídia. Todos os 29 alunos disseram que a vergonha, o medo de não ser aceito pelo outro, devido a sua aparência, e a necessidade de causar uma boa impressão, seriam os motivos que levariam uma pessoa a agir dessa forma. Foram unânimes em dizer que a sinceridade no início de um relacionamento de amizade ou amoroso é fundamental, principalmente no caso da charge, em que se percebe claramente a solidão e a procura de um companheiro pelos sujeitos. Um comentário registrado por um dos alunos em relação a essa representação chama atenção pela maturidade com que analisou a circunstância: “Nós temos

que ser mais realistas a nosso respeito e nos mostrar como realmente somos, assim saberemos quem gosta de nós do nosso jeito, sem ter que fingir”.

Embora eles não tenham atribuído diretamente à mídia o preconceito das pessoas com a aparência do outro ou com sua própria aparência, demonstram por meio de comportamentos e atitudes, no dia-a-dia, que são influenciados, sim, pelo que a sociedade pensa e idealiza sobre o corpo, aparência ou comportamento, pois é ela que dita as regras e impõe os valores a serem seguidos.

Resultados da questão 2: A mulher, apesar de ter envelhecido, não amadureceu. Comprove essa afirmação com elementos da charge.

Como as escolas, muitas vezes, ainda não privilegiam, a contento, os textos não-verbais, principalmente charges e cartuns, os alunos encontram dificuldade na leitura desses gêneros textuais onde “a figura e o código verbal se completam na produção dos efeitos de sentido” (CRISTÓVÃO & NASCIMENTO, 2005, p.59). A concepção que eles geralmente têm a respeito desse tipo de texto, é que sua única função é divertir, fazer rir, como uma anedota, não se atendo, portanto, aos detalhes que são importantes na composição da imagem e na construção dos sentidos. Daí a importância do professor como um mediador nesse processo que vai proporcionar ao aluno, educar o seu olhar para esse tipo de leitura que, com ironia, humor e arte, critica, denuncia, chama atenção.

Alguns alunos encontraram dificuldade na questão e não conseguiram respondê-la, o que veio reforçar a idéia de que muitos estudantes têm dificuldade na observação dos detalhes que compõem os textos não-verbais. 30% deles observaram os elementos mais concretos, como as pantufas em forma de coelhinho e a roupa íntima com estampa de coraçõezinhos. Nove alunos disseram apenas que o comportamento dela, sendo idosa e mentindo ser jovem, caracterizavam a sua imaturidade, não se atendo, portanto a outros detalhes visuais presentes na charge. 14% deles, entre meninos e meninas, chamaram a atenção pelas respostas, pois fizeram uma observação mais completa, uma vez que disseram ser a forma como a mulher se veste e seu comportamento que revelam a sua imaturidade e infantilidade, indicando, portanto, que eles apresentam um certo amadurecimento em relação à leitura.

Resultados da questão 3: Ela está de costas para o espelho. Você acha que isso é apenas um detalhe ou assume um significado importante na compreensão da charge? Comente:

Essa questão trata de um elemento importante para a construção dos sentidos na charge. Esperava-se que a maioria dos alunos não fosse capaz de respondê-la, mas 62% deles disseram que ela não queria ver sua imagem no espelho porque não gostava do que via, pois era velha e feia. Talvez o que tenha chamado a atenção desses alunos para a observação e contribuído para a reflexão e a resposta tenha sido a própria pergunta. Acredita-se que esse elemento poderia não ter sido percebido caso a questão não tivesse sido feita.

Os demais alunos apresentaram dificuldade em observar esse objeto que compõe a imagem e o viram como um mero detalhe, não tendo relação alguma com a construção do significado da charge, ou seja, compreender o não-dito, ainda que no plano imagético, até então, é difícil para muitos alunos e constitui um desafio para o trabalho do professor com a leitura.

Resultados da questão 4: É possível perceber nesse texto críticas aos padrões de beleza feminino (corpo magérrimo, de modelo) e masculino (corpo atlético) impostos pela sociedade e pela mídia e também percebem-se críticas à Internet como um meio de comunicação não confiável. Você concorda com essas críticas? Justifique sua resposta.

A maioria absoluta dos alunos, 69%, concordou com a crítica feita pelo autor da charge justificando que nós temos que ser nós mesmos, que não é preciso ter corpo perfeito ou atlético para que as pessoas gostem umas das outras, como pode ser percebido em algumas respostas aqui registradas:

“Eu concordo com o autor. Por causa da televisão nós achamos que somos feios e ninguém pode se interessar por nós”.

“Eu concordo com o autor e acho que a mulher não precisa ter corpo de modelo para arrumar um marido e o homem não precisa ter corpo atlético para arrumar uma namorada. Se fosse assim, não teria casamento no mundo”.

“... hoje as pessoas só acham beleza em corpos e rostos perfeitos, fazendo com que as outras pessoas como nós, se sintam inferiores e rejeitadas”.

“... a televisão e a sociedade só valorizam as pessoas bonitas e se esquecem que o mais importante é a simpatia e o jeito de ser.”

31%, porém, responderam que não concordam e consideram normal as pessoas mentirem sobre si, já que dessa forma isso contribuiria para melhorar a sua auto-estima. Disseram, ainda, que a beleza é muito importante, jamais se relacionariam com uma pessoa que fugisse desses padrões. Isso mostra que eles são vulneráveis e podem ser influenciados

pelas ideologias da sociedade a que pertencem e, em parte, são os co-responsáveis pela reprodução dessa ideologia.

Quanto à Internet, todos, exceto um, foram unânimes em afirmar que ela é realmente um meio de comunicação não confiável, pois as pessoas, em sua maioria, só mostram ou omitem o que lhes interessam, para lhes favorecer de alguma forma. Apenas um aluno disse que “a Internet é confiável, as pessoas é que são falsas”, condenando na verdade, o comportamento das pessoas diante desse meio de comunicação.

Resultados da questão 5: Você já deve ter ouvido falar que o homem é relaxado, desorganizado e não se preocupa tanto com a aparência e com a ordem quanto a mulher. Na charge, percebe-se isso claramente. Por que você acha que existem essas diferenças? Você concorda com elas? Comente.

Houve alguma divergência entre as respostas a essa pergunta. A maioria, 80% dos alunos divididos entre o sexo masculino e feminino, ratificaram um imaginário social de qual deve ser o comportamento homem x mulher, ao concordarem que a mulher seja mais organizada, mais preocupada com a aparência e tem toda a responsabilidade na realização das atividades domésticas, pois é a realidade que os mesmos presenciam, porém discordam que deva ser assim. Atribuem isso à ideologia (mesmo sem empregar esse termo) que lhes é passada socialmente, ao longo da história (a maioria das vezes, pela própria família), como se pode perceber em algumas respostas aqui transcritas:

“... as mulheres, desde pequenas, aprendem a ser mais organizadas, a serem donas de casa, por isso existem essas diferenças.”

“... porque isso vem de gerações.”

“... sempre foi assim, desde a pré-história existem essas diferenças”.

“... os homens são muito machistas e têm um preconceito muito grande, com poucas exceções acham que organização, vaidade, ordem e serviço doméstico são coisas de mulherzinha”.

“... a maioria das pessoas acha que os homens não podem fazer nada que mulher faz, mas não é bem assim, todos tem de ser iguais”.

“... as mulheres é que são culpadas porque criam os filhos assim”.

Embora não tenha sido aqui registrado, de forma explícita, pode-se dizer que os alunos não concordam com as ideologias presentes na charge, apesar de serem exatamente estas que lhes estejam sendo passadas. Conscientes ou não, eles estão assumindo uma posição

crítica que poderá vir a ser importante para a superação de algumas idéias pré-concebidas, de valor moral e cultural da nossa sociedade.

Entre os alunos restantes, 14%, todos do sexo masculino, disseram não concordar com a idéia veiculada e afirmaram haver homens que realizam trabalhos domésticos e são muito mais organizados que as mulheres. 6%, apenas, acreditam que realmente seja dessa forma, as diferenças existem porque sempre foi assim e dessa forma deve continuar, como podemos observar no seguinte comentário: “Eu acho normal que seja assim, tem que ter essas diferenças. Existem coisas “só” para homens e outras “só” para as mulheres. Serviço de casa, por exemplo, é só coisa de mulher, organizar as coisas também”.

Percebe-se, por essa fala, que entre esses alunos, a minoria, como foi citado, prevalece ainda o senso comum, pois defendem a ideologia da sociedade machista e serão responsáveis por sua reprodução. Um fato que chamou a atenção em relação a essa posição, é que a maioria são meninas e, com certeza, estão reproduzindo o discurso de seus pais que, por sua vez, devem ter recebido das gerações anteriores.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho de leitura e interpretação embasado pela Análise de Discurso proporcionou ao aluno uma leitura mais atenta levando-os, entre outras análises, a perceberem que as palavras e imagens significam diferentes dependendo do lugar em que são empregadas. Que há um jogo de representação social no qual as pessoas apresentam (agem) conforme a classe social a que pertencem ou seus interesses, que, além do dito, o não-dito também se faz presente no texto e significa. Também que é necessário desvendar a ideologia presente, refletindo criticamente sobre ela, e, principalmente, que ler não é apenas reproduzir, mas construir significados e sentidos.

O esforço empenhado para o desenvolvimento do FOLHAS e desse artigo marca-se, sobretudo, em função da apresentação e uso pedagógico de uma teoria ainda “pouco conhecida” pelos professores, mas que, conforme pode-se verificar, tem muito a contribuir para o desenvolvimento intelectual dos alunos frente a sua própria condição de sujeitos sociais.

O resultado das respostas foi precedido por atividades anteriores e, pôde-se observar que, os alunos, em geral (embora com algumas limitações individuais), à medida que realizavam as atividades, ficavam mais atentos aos elementos imagéticos ou não, com um

senso crítico mais aguçado, apresentaram maior facilidade na interpretação de outros tipos de texto e, principalmente, passaram a ver a charge como um texto cuja função não é unicamente divertir, causar o riso, como a concebiam inicialmente, mas refletir criticamente sobre fatos do cotidiano.

Os alunos demonstraram, portanto, crescimento e um certo amadurecimento como leitores e, ainda, demonstraram que não estão alienados, mas talvez práticas escolares mecanizadas silenciam seu desenvolvimento, pois não se abre espaço para um trabalho mais produtivo que leve o aluno à construção de novos significados.

6 REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de estado: notas sobre os aparelhos ideológicos de estado.** (Trad. Valter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro). 7. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

BACCEGA, Maria Aparecida. **Palavra e discurso: história e literatura.** São Paulo: Ática, 1995.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal.** São Paulo: Hucitec, 1992 (gênero discursivo).

COSTA, J. L. R. **Em busca da (c)idade perdida: o município e as políticas públicas voltadas à população idosa.** Tese de Doutorado – Saúde coletiva/FCM – UNICAMP Campinas, SP: 2002

MUSSALIM & BENTES. Análise de Discurso. *In*: MUSSALIM, Fernanda e BENTES, Anna Christina. **Introdução à lingüística: domínio e fronteiras.** v. 2. São Paulo: Cortez, 2001.

ORLANDI, Eni Pulcineli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos.** Campinas, SP: Pontes 2001.

_____. **Discurso e Leitura.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

PÊCHEUX, Michel. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. *In*: GADET, Françoise & HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux.** (Trad. Bethânia S. Mariani et al.). 2.ed. Campinas, Sp: Editora da UNICAMP, 1983.

POSSENTI, Sírio. **Discurso, estilo e subjetividade.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.

VOESE, Ingo. **Análise do discurso e o ensino de Língua Portuguesa**. São Paulo: Cortez, 2004. (Coleção Aprender e Ensinar com Textos; v.13. coord. geral Adilson Citelli e Lígia Chiappine).